

# Adição de grão de soja na dieta de cordeiro deixa carne mais saudável

Experimentos feitos na FEA resultaram em teores mais baixos de gorduras saturadas

RAQUEL DO CARMO SANTOS  
kel@unicamp.br

Adição de grãos de soja, na alimentação de cordeiros, pode melhorar a qualidade da carne quanto aos teores de ácidos graxos insaturados, como o ácido linoléico e o CLA (ácido linoléico conjugado), considerados a gordura “boa” para o organismo humano. É o que aponta uma pesquisa realizada na Faculdade de Engenharia de Alimentos (FEA). Foram feitos testes com 24 cordeiros, incluindo na dieta deles sementes oleaginosas como caroço de algodão, grão de soja e girassol. O estudo, desenvolvido por Mariana Masson Guizzo, segue a tendência atual da demanda crescente por alimentos saudáveis, cujas características principais são os baixos teores de gorduras saturadas.

A pesquisa foi orientada pelo professor Pedro Eduardo de Felício e a sua principal contribuição foi conhecer quais os efeitos da nutrição animal, principalmente, sobre as características da carcaça e da carne. “Um dos maiores desafios do setor produtivo da carne está relacionado com a alteração do perfil de ácidos graxos por meio da manipulação da dieta fornecida aos animais. Sabe-se que os animais ruminantes tendem a ter maior concentração de gordura saturada em sua composição”, argumenta a autora do estudo, a zootecnista Mariana Masson Guizzo.

Os animais foram divididos em quatro grupos, sendo que cada um foi alimentado com um tipo de semente. Os testes com os

grãos de soja tiveram os melhores resultados e, por isso, constituem uma boa opção para o setor pecuário por proporcionar menor concentração de gordura saturada na carne. Além disso, não se observou influência nas características sensoriais, como o aroma e o sabor da mesma, pois teve maior aceitabilidade pelos consumidores de carne ovina e, ainda, apresentaram parâmetros da zootecnia favoráveis. Já no caso dos cordeiros alimentados com sementes de girassol, embora a qualidade da carne não tenha sido afetada, os animais não tiveram um bom desenvolvimento quando avaliados pela zootecnista.

Os resultados obtidos, quanto à avaliação sensorial, apontaram que apenas o grupo alimentado com caroço de algodão teve uma menor aceitação por parte dos analisadores, em relação aos atributos aroma e sabor, considerados “estranhos”. “O caroço de algodão é muito usado pelos produtores, principalmente para dieta de bovinos, na época da seca, na qual há maior incidência de confinamentos”, explica Mariana.

Por isso, muitos pesquisadores estão se dedicando a estudos para saber se seria a melhor opção para a produção animal em relação à qualidade da carne. Neste sentido, a autora do estudo espera em um projeto de doutorado investigar melhor esta questão, uma vez que a diferença na análise sensorial foi significativa, indicando que o sabor da carne pode ser diferente.

A escolha da soja, algodão e girassol se deu pelo fato de serem fontes encontradas facilmente no país. O girassol e a soja, por



Mariana Guizzo, autora do estudo: “Os ruminantes tendem a ter maior concentração de gordura saturada”

exemplo, são produzidas em grandes quantidades, além de possuírem altos teores de gordura “boa”. Já a semente de algodão é um subproduto da indústria com baixo custo para o produtor e utilizada em larga escala por alguns produtores pela sua viabilidade econômica. “O teor de gordura e a composição de ácidos graxos da carne assumem, atualmente, um papel importante na cadeia produtiva sob influência das exigências do mercado consumidor”, destaca Mariana Guizzo.

## Publicações

**Dissertação:** “Efeitos de rações contendo oleaginosas (soja, girassol ou algodão) nas características da carne (*M. Longissimus*) de cordeiros”

**Autora:** Mariana Masson Guizzo

**Orientador:** Pedro Eduardo de Felício

**Unidade:** Faculdade de Engenharia de Alimentos (FEA)

**Financiamento:** CNPq

## Morador despreza área de lazer de condomínios

Pesquisa mostra que, quanto maior o poder aquisitivo, menor o uso de espaços

Piscinas com raia, salas de cinema, SPA com banheiras de ofurô, quadras de squash, áreas gourmet. Estes são apenas alguns dos itens de lazer coletivo oferecidos pelo mercado para os condomínios verticalizados voltados para a população de maior poder aquisitivo. Mas será que seus moradores usufruem de todos esses espaços e equipamentos? Uma pesquisa apresentada no Programa de Pós-Graduação de Arquitetura, Tecnologia e Cidade da Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo (FEC) revelou que a maioria das famílias não faz uso dos espaços comuns para lazer. O estudo de caso foi feito em três condomínios, localizados na área central de Guarulhos na Região Metropolitana de São Paulo, e seus resultados apontaram que, quanto maior a renda dos moradores, menor é o seu uso, embora seja exatamente onde os espaços livres de uso comum são amplos e diversificados.

“Os espaços coletivos mais utilizados são piscina e salão de festas. No entanto, a tendência atual nos grandes centros urbanos é oferecer um número grande de espaços livres e equipamentos para uso coletivo, em detrimento da área útil dos apartamentos. Acredito que as decisões de projeto para esses ambientes devem contribuir para a qualidade de vida dos moradores em plenitude”, afirma a arquiteta Gislaine Cristina Villela Araújo, que apresentou dissertação de mestrado sob orientação do professor Francisco Borges Filho e da professora Sílvia Mikami Pina. Para Gislaine Araújo, a falta de tempo e o envolvimento com várias atividades podem ser causas para que as famílias não façam uso frequente desses espaços. “Há também a opção por menor número de filhos e o envolvimento grande com o trabalho”, acredita.



Região de condomínios de alto padrão em Campinas: áreas de lazer valorizam o imóvel

Ainda que não utilizem frequentemente e o custo para a manutenção destes ambientes seja alto, os moradores afirmaram que o fato de existir os espaços comuns valoriza o imóvel. “Eles têm consciência de que os valores e benefícios implicam diretamente no montante de venda ou locação do apartamento e, por isso, acreditam que vale a pena ter uma área comum, ainda que obsoleta”, esclarece Gislaine. Por outro lado, o estudo mostrou que as famílias estudadas de menor renda em que o número e metragem dos espaços coletivos eram mais reduzidos, fazem uso mais intenso e frequente das áreas comuns. Elas gostariam que o condomínio oferecesse um maior número de espaços livres e equipamentos de lazer por acreditarem ser importante para a qualidade de vida e facilitar o convívio com os

vizinhos. Infelizmente, são os locais de pior qualidade e de área e atividades reduzidas.

A pesquisa realizada por Gislaine Araújo contemplou as respostas de um questionário de 64 famílias que residiam nos três condomínios estudados. A amostragem foi dividida em casos 1, 2 e 3, ou seja, de acordo com a faixa salarial dos moradores de cada condomínio. No caso 1 e 3, a renda correspondia entre R\$ 3 mil e 6 mil e, no caso 2, a renda dos moradores, em sua maioria, era superior a R\$ 6 mil. Além do questionário, a arquiteta também colheu depoimentos pessoais por meio de entrevistas e fez o levantamento e análise das plantas e documentação do condomínio. “Os resultados indicam que há programas e apropriações distintas dos ambientes comuns, de acordo com a faixa econômica dos moradores”, explica. Segun-

do Gislaine, as análises apontam ainda que as tendências de programas de necessidades e configurações espaciais de acordo com a intensidade, diversidade de público e da satisfação pelos moradores devem ser considerados em futuros projetos habitacionais com espaços livres comuns. (R.C.S.)



Gislaine Cristina Villela Araújo, autora da dissertação: questionário e análise de plantas

## Publicação

**Dissertação:** “Espaços livres e coletivos em condomínios habitacionais verticalizados: o caso de Guarulhos - SP”

**Autora:** Gislaine Cristina Villela Araujo

**Orientador:** Francisco Borges Filho

**Coorientadora:** Sílvia Mikami G. Pina

**Unidade:** Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo (FEC)